

RAIMUNDO LÚLIO: UM ÚNICO PENSAMENTO E UM ÚNICO AMOR

Maiorca, a maior das pequenas ilhas que constituem o arquipélago das Baleares, no Mediterrâneo, foi conquistada aos árabes em 1229 pelo rei Jaime I. O reino de Maiorca, a partir de então, passou a integrar os territórios das ilhas Baleares, junto com Roussillon e Montpellier, no Languedoc.

O pai de Lúlio tomou parte nessa brava conquista e talvez por essa razão o rei, em 1249, escolheu Lúlio, então com apenas uns quatorze anos (1), para o cargo de pajem de seu segundo filho, ainda criança, o futuro rei Jaime II. Poucos anos depois passaria a exercer a função de mordomo do príncipe. O próprio Lúlio conta-nos (2) que nessa época sua vida era frívola e dissoluta; gostava de compor trovas e poemas para as moças do lugar, e facilmente se envolvia com elas. Com vinte e dois anos, casou-se com Blanca Picany, a qual lhe deu dois filhos, Domingos e Madalena. O matrimônio, contudo, não tornou Lúlio mais sensato. "Apesar da ajuda que recebi dos anjos e das pregações dos religiosos - diz na sua autobiografia - cheguei a ser o pior dos homens e o maior pecador desta cidade e de todas as redondezas" (4).

Em 1265, aos trinta anos de idade, a vida de Lúlio sofreu uma profunda modificação. Estando uma noite entretido compondo rimas para uma dama que então - com palavras suas - amava com loucura, apareceu-lhe de repente Jesus crucificado. Durante os dias seguintes, esta aparição repetiu-se outras quatro vezes. Lúlio, que nunca duvidou da autenticidade dessa visão sobrenatural, experimentou uma súbita conversão.

Dois grandes e elevados propósitos configuraram-se então na sua alma arrependida. Dois grandes desejos, definitivos, aos quais dedicaria todas as suas forças, toda a sua vida, entregue, a partir de então, ao serviço de Cristo.

O primeiro foi aceitar e preparar-se para o martírio. Este pensamento retornará repetidas vezes ao longo de sua vida e, ao mesmo tempo, iluminará e explicará a generosa atividade de Lúlio em favor dos outros. O segundo, consistia em dedicar-se à conversão dos infiéis e incrédulos para a verdade da santa fé católica. Estes dois propósitos podem unificar-se num único: entregar-se à conversão dos infiéis, arriscando, nessa empreitada, a própria vida .

Sua intenção foi, portanto, muito clara e impregnou sua extensa obra escrita. Se levarmos em conta, além dessa determinação, o seu temperamento muito impulsivo, teremos reunidos os elementos que explicam a vida e a obra do filósofo maiorquino. Todos os seus escritos serão ação, e não pura especulação desinteressada.

Lúlio, pouco depois da conversão, repara, com grande acerto, que não possui a ciência necessária para uma empresa tão grande. Então, uma terceira inspiração preenche de repente seu coração e sua inteligência. Comporá um livro que será o mais eficaz de todos no combate aos erros dos infiéis. Mas isso ainda é pouco. Lúlio vê que, sozinho, de pouco valeriam seus esforços. Tem então a idéia de ir ao encontro do Papa, dos reis e príncipes cristãos e exortá-los até obter deles a fundação de diversos mosteiros onde

religiosos e outras pessoas competentes pudessem estudar as línguas dos infiéis. Uma vez preparados, seriam enviados às terras dos descrentes para convencê-los da verdade da fé católica, mediante a pregação.

Três meses mais tarde, decide vender parte de seus bens e inicia uma série de peregrinações a diversos santuários cristãos: Nossa Senhora de Rocamadour, Santiago de Compostela, na Galíza, etc. De volta, decide ir a Paris a fim de preparar-se doutrinariamente para a refutação das heresias, mas seus familiares e amigos (especialmente São Raymundo de Penhaforte, a quem encontra em Barcelona), temendo que se transformasse em um escolástico a mais como tantos de seu tempo, aconselham-no a permanecer em sua terra natal. Assim o faz Lúlio que, logo a seguir, começa a estudar a língua árabe com um escravo muçulmano - que tentará matá-lo - e a adentrar-se, de uma maneira bastante autodidata, no conhecimento da filosofia oriental árabe e judaica, buscando uma síntese com a escolástica cristã do século XII. A essa tarefa dedicará dez anos.

Por volta de 1272, Lúlio escreve, primeiro em árabe e depois em catalão, o *Llibre de Contemplació*, verdadeira enciclopédia de conhecimentos teológicos e naturais, de grandes proporções. Consiste num apaixonado monólogo que a criatura dirige ao seu Criador. Começa considerando o Ser eterno, seus atributos e operações, a criação e as virtudes de Cristo, entremeando todos os argumentos com sublimes trechos sobre psicologia humana, moral, teodicéia e apologética. Finalmente considera o amor, a oração e a contemplação. Toda a linguagem é fortemente expressiva e transbordante de lirismo. Esta obra, que em certo sentido foi comparada à *Summa* canônica de Penhaforte e à *Summa* Teológica do Aquinate, contém já a matriz do original pensamento Luliano.

Aos quarenta anos de idade, Lúlio, com o desejo de entregar-se completamente à contemplação, retira-se para o monte Randa, nas suas propriedades, perto da cidade de Maiorca. Passa, também, algumas temporadas no mosteiro cisterciense de Santa Maria la Real. Será lá, na solidão de Randa, que Deus iluminará poderosamente sua inteligência. Verá a síntese universal - o sistema e também o método - que depois descreverá nos seus escritos. Foi essa profunda vivência que lhe valeu o título de "Doutor Iluminado".

Na posse dessa sublime graça, Lúlio escreve *Art abreujada d' atrobar veritat*, a primeira versão da *Ars*, base de todo o seu sistema filosófico e teológico, ou melhor, método universal para todas as ciências. Nesta obra, Lúlio reduz todos os conhecimentos humanos a um pequeno número de princípios e, depois, mostra todas as relações possíveis que se podem dar entre as idéias, mediante uma combinatória sustentada em figuras geométricas. Até a sua morte, Lúlio reelaborará sua "Arte" uma e outra vez, buscando simplificá-la e torná-la acessível a todos. A verdade, porém, é que não o conseguiu. Mas seria injusto não ver nessa tentativa de síntese universal um esforço sincero - que dura uma vida inteira -, por resolver o difícil problema do conhecimento humano. Também não é exato ver nessa *Ars* uma obra exclusivamente lógica; a preocupação de Lúlio foi, em primeiro lugar, metafísica: deseja um conhecimento unitário da realidade. Lúlio, por essa obra, tem sido visto como um precursor longínquo da logística moderna.

No ano de 1275, mais exatamente no dia 13 de março, Lúlio, devido às insistentes queixas de sua esposa, que não se conformava com o seu estilo de vida, decide nomear um administrador de seus bens e abandona definitivamente a família.

Algum tempo depois, morto Jaime I, o Conquistador, e tendo-lhe sucedido seu segundo filho, Jaime II, Lúlio apresenta-se em Montpellier, sede da corte do rei. O soberano encarregou um frade menor de examinar as obras de seu antigo mordomo, particularmente o *Llibre de Contemplació*. O bom frade, diz a *Vita coetanea*, constatou, não sem admiração, que os escritos estavam repletos de ensinamentos e de verdadeira devoção católica. A partir deste momento, Lúlio será conhecido como "Mestre". Pouco tempo depois, obteve a fundação, em Miramar, de um colégio de línguas onde, sob sua direção, treze frades menores se preparavam, estudando línguas - sobretudo o árabe - e a sua "Arte" para a evangelização dos infiéis. Aquela instituição, de profundo intuito apostólico e num dos lugares mais belos da ilha de Maiorca, conseguiu a aprovação do Papa João XXI, o lisboeta Pedro Hispano, em 17 de outubro de 1276.

De 1276 a 1279, Lúlio dedicou-se ao ensino e ao desenvolvimento de sua "Arte" e à contemplação. Data dessa época sua *Art demonstrativa*. Foi lá, em Miramar, que compôs os elevados pensamentos do *Livro do amigo e do Amado*, ao estilo dos místicos sufis, diante das suaves colinas maiorquinas mergulhando nas águas azuis do Mediterrâneo.

Torna-se difícil determinar o que Lúlio fez nos anos que se seguiram. Em parte, porque somente em 1293 começará a definir nos seus livros o lugar e a data em que foram escritos. Alguns autores pensam que, até 1282, teria dado a volta a todo o mundo então conhecido, visitando sucessivamente Roma, Alemanha - onde teria sido acolhido com benevolência por Rodolfo I de Habsburgo -, o norte da Europa e o Oriente, até as Índias, o Egito e o Magreb, de onde teria embarcado para a Inglaterra.

Parece que entre 1283 e 1285 escreveu em Montpellier - residência habitual de seu protetor Jaime II -, a parte essencial do *Blaquerna*, novela autobiográfica. É uma de suas grandes obras literárias, em parte utópica, pois nela defende uma ampla e profunda reforma social. Lúlio, no *Blaquerna*, nos revela suas experiências de contemplativo, suas angústias de apóstolo-filósofo, e seu amor à natureza e à solidão. Traça uma reforma completa da Igreja e apresenta na pessoa de Blanquerna o ideal do matrimônio cristão, as normas de educação dos filhos e as figuras do monge, do bispo e até do papa. O capítulo 96, "De como o papa Blanquerna renunciou ao pontificado", criou um sério problema entre os críticos: até hoje não se conseguiu precisar se reflete a renúncia de Celestino V, ou se a precedeu no tempo.

Existe suficiente fundamento para pensar que em 1278 Lúlio achava-se em Roma, enquanto o Papa Nicolau III despedia uma embaixada de cinco frades menores franciscanos para o Grão Khan da Tartária. Sabe-se que, então, Lúlio propôs aos cardeais a delicada questão de "se os cristãos seriam responsáveis pela ignorância que os infiéis têm da santa fé católica" (4).

Em 1285 escreve *Los cent noms de Deu* e os poemas *Plant de la Verge e Hores de Nostra Dona Maria*. Nesse mesmo ano, vai a Bolonha e no ano seguinte a Paris, onde teve lugar a celebração do capítulo geral dos dominicanos. Em 1287, parte para Roma onde chega pouco depois da morte de Honório IV, em 3 de abril. Seu desejo de solicitar

ao papa novas fundações de escolas de línguas semelhantes à de Miramar, via-se assim frustrado. Prevendo um conclave demorado, Lúlio dirige-se a Paris onde o chanceler da Universidade, Bertaut de Saint-Denis, em 1288, autoriza-o a ensinar sua "Arte" na Universidade de Paris.

No entanto, pouca acolhida tiveram as suas aulas em Paris. Por esta razão, Lúlio pouco tempo se demorará naquela cidade. É lá, todavia, que toma contato com o averroísmo latino, doutrina filosófica que, vista na sua globalidade, contrasta totalmente com a sua. Assim como Lúlio pretendia unificar todo o saber, vendo o conjunto da realidade à luz de uma única verdade, o averroísmo rasga em dois a unidade do verdadeiro, com a sua teoria da dupla verdade, uma filosófica e outra teológica. Daí em diante, Lúlio combaterá com todas as suas energias essa heresia.

É lá, em Paris, cidade em que confluem todas as correntes de pensamento do século XIII, onde Lúlio escreverá a sua segunda novela doutrinal, o *Félix de les merveilles*, que narra as viagens de um homem que procura ansiosamente a verdade admirando-se do que vê.

Antes de partir de Paris, Lúlio escreverá duas cartas, uma ao rei Filipe, o Belo, e outra à Universidade, solicitando a instituição naquela cidade de um colégio de línguas onde seus alunos pudessem aprender o grego, o árabe e o tártaro. Referindo-se a esses pedidos, Lúlio nos dirá no "Félix" que "desejava que tudo fosse submetido à aprovação e à confirmação do papa e, assim, a sua obra seria estável e permanente". Seus bons propósitos, todavia, não tiveram a mínima acolhida.

De volta a Montpellier, percebendo que sua "Arte" era demasiadamente complicada para os mestres e alunos da Universidade, reduziu de 4 para 3 o número de elementos de seu sistema combinatório numa nova *Art inventiva*. Aquele fora também um tempo de novas experiências místicas: escreve *L'art amativa*, o *Arbre de filosofia desiderat* e o *Llibre de Santa Maria*. Nessa cidade do sul da França, Lúlio se encontra com o novo ministro geral da ordem franciscana, Raymundo Jofré ou Gaufredi, que compartilhava o ideal de reforma da Igreja por meio da pobreza e de uma intensa vida interior, e no desejo de converter os infiéis, especialmente os muçulmanos. No dia 26 de outubro de 1290, Jofré recomendará Lúlio a todos os conventos franciscanos de Roma e da Apúlia, autorizando-o a ensinar sua "Arte".

Contudo, as ânsias de receber o martírio tornavam-se cada vez mais fortes. Lúlio quer ver transformados em realidade seus planos missionários. Durante uma rápida estada em Gênova traduz para o árabe sua *Ars inventiva veritatis* e, depois, vai para Roma para, uma vez mais, solicitar ao Papa Nicolau IV - o franciscano Jerônimo d'Ascoli, que fora ministro geral dos menores franciscanos na época da fundação do colégio de Miramar - a autorização para instituir novos mosteiros destinados ao estudo das línguas estrangeiras.

Lúlio pensava que esse papa seria mais favorável a suas idéias pois a Cristandade toda estava então comovida pela perda recente, em São João de Acre, dos últimos territórios cristãos na Palestina. Esperançado, dirige a Nicolau IV seu *Quomodo Terra Sancta recuperari potest* e o *Tractatus de modo convertendi infideles*. Porém, uma vez mais, nada conseguiu.

Depois de ter refletido sobre todos esses acontecimentos, conta-nos sua autobiografia que Lúlio se dirigiu a Gênova a fim de embarcar para terras sarracenas. Deseja, de uma vez por todas, experimentar se é capaz de realizar sozinho entre eles algo de bom, discutindo com seus sábios e convertendo-os à fé católica com a ajuda da "Arte" que Deus lhe havia inspirado.

Ora, é natural que um homem que luta, e que luta durante muitos anos, acumule ao longo da vida muitas vitórias, e também muitas derrotas. Será lá, em Gênova, à idade de sessenta anos, que Lúlio passará pela maior crise espiritual de sua vida. Temendo ser assassinado pelos sarracenos, ou colocado talvez na cadeia pelo resto de seus dias, obcecado pelo medo, resolve ficar em terra. A partir desse momento, cairá sobre ele um estado de escuridão interior, de dúvidas e de escrúpulos, que beira o desespero. Por fim, Lúlio supera a prova e parte sozinho para Tunis, em 1293, feliz de entregar-se ao ideal apostólico que o consome e, talvez, pela possibilidade de selar sua fé com o próprio sangue.

Em Tunis começa a discutir em plena rua com os sábios da cidade. Um deles denunciou-o rapidamente ao califa Abu-Hafs, que convoca um conselho que condenará Lúlio à pena de morte. Graças à intervenção de um chefe mouro, que possuía alguma influência sobre o califa, a pena capital é comutada pela de expulsão. Antes, porém, de ser levado ao navio, ao ser retirado da cadeia, Lúlio será vexado, escarnecido e golpeado.

Pouco tempo depois desembarca em Nápoles onde dará aulas sobre sua "Arte", até a eleição do papa Pietro di Morrone, em 5 de agosto de 1294, que adotou o nome de Celestino V. No dia 13 de dezembro do mesmo ano, contudo, Celestino V renunciará. Lúlio, antes, expôs ao papa seus planos para a conversão dos infiéis, particularmente dos tártaros, que, conforme pensava, se unidos aos cristãos, viriam a ser uma ajuda decisiva contra os muçulmanos.

O novo papa, Bonifácio VIII, deveria ser coroado em Roma a 25 de janeiro de 1295. Para lá parte novamente Lúlio, alegre e infatigável como sempre, e encaminha a Santa Sé uma nova petição. Desta vez, poderá dirigir a sua palavra perante o Sacro-Colégio dos Cardeais. É nesse tempo, do 29 de setembro de 1295 a 1o. de abril do ano seguinte, que escreverá o *Arbre de Ciência*, extensa enciclopédia organizada sob o símbolo da árvore, que contém inúmeros trechos de grande valor literário.

Nem Celestino V nem seu sucessor, lhe prestam atenção. É então quando, desanimado pelo aparente fracasso de todas as suas tentativas, escreve o Desconhort, talvez sua melhor obra poética. Trata-se de um poema lírico-didático de alto valor psicológico e autobio-gráfico. Nele, Lúlio nos revelará sua profunda decepção.

De Roma parte novamente para Gênova e de lá para Montpellier, corte do rei de Maiorca. Dirige-se a Paris, onde permanecerá de dezembro de 1297 a julho de 1299 tomando parte na violenta polêmica entre os pensadores católicos e seus adversários, os averroístas árabes. Lúlio redige a *Declaratio Raymundi per modum dialogi*, onde comenta e refuta as proposições averroístas já condenadas em 1277 por Estevão Tempier. Mas Lúlio, que pensava que a ciência não é o único modo de vencer os que estão errados, desejando convertê-los "por modo de amor", escreve seu Arbre de filosofia d'amor, belíssimo tratado místico de alto valor literário.

Desiludido de Paris, despede-se com o *Cant de Ramon*, onde mais uma vez o heróico maiorquino conta suas dores com um lirismo deslumbrante.

Contudo deve dizer-se que esses lamentos não significam, de maneira alguma, um arrefecimento ou um abandono de seus propósitos fundamentais. Muito pelo contrário, a partir dessa época Lúlio iniciará o período mais agitado de sua vida. Seus escritos se multiplicarão inexplicavelmente; suas viagens se sucederão com um frenesi incrível. É surpreendente a capacidade de trabalho desse velhinho de barbas brancas que já beira os setenta anos.

Maiorca recebe com alegria seu filósofo viajante. De posse de uma licença do rei, Lúlio doutrina judeus e muçulmanos nas sinagogas e nas mesquitas. Estava escrevendo uma suma filosófica sob o título de *Començaments de Philosophia*, quando recebe a notícia - com um ano de atraso - da derrota que os tártaros infligiram aos muçulmanos em dezembro de 1299. A cristandade exulta de alegria com a esperança de recuperar o Santo Sepulcro e toda a Palestina. Lúlio não se conteve e embarcou para Chipre nos primeiros meses de 1301. À chegada fica informado de que as notícias foram otimistas demais, porque o triunfo tártaro não fora tão grande e os muçulmanos estavam já reagindo. O que fazer? Sem perda de tempo, Lúlio começa seu trabalho. Prega e disputa sobre a fé cristã com os sarracenos, jacobitas, nestorianos e gregos. Suplica ao rei de Chipre, Henrique II, que convoque oficialmente esses infiéis para uma controvérsia pública e se oferece para visitar o sultão de Babilônia e os reis da Síria e do Egito para instruí-los na fé católica. Em Famagusta é muito bem recebido pelo Grão-Mestre da Ordem dos Templários, que o hospeda na sua própria casa.

Depois de adentrar-se até a Armênia Inferior, onde contrai uma doença, volta para Gênova e, durante a viagem de navio, escreve o *Llibre dels mil proverbis*. Em 1303 encontra-se de novo em Gênova traduzindo para o catalão sua *Nova Logica*. Em outubro o vemos em Montpellier, concluindo o *Liber de disputatione fidei et intellectus*, diálogo sobre a possibilidade da demonstração dos mistérios da fé. Novamente em Gênova, escreve o *Liber de fine* ou *De expugnatione Terrae Sanctae*, a obra mais importante das que então se escreveram sobre o polêmico tema da conquista da Terra Santa.

Numa primeira época, Lúlio afirmava que a evangelização dos infiéis deveria ser essencialmente uma obra do amor, realizada principalmente pela inteligência. Daí seu desejo de propor aos sábios e aos homens de cultura de outras religiões a verdade católica. Iluminar, assim, em primeiro lugar os espíritos a fim de preparar os corações para a infusão da graça. A conversão das almas, pensava Lúlio, não podia ser senão um ato de liberdade. Mais tarde, perante o fracasso de seus esforços pacíficos, aperfeiçoará a sua posição e afirmará que, se o adversário recusar o diálogo, a cristandade terá o direito de o obrigar, pela força, a aceitá-lo. É isso o que nos dirá no seu célebre *Liber de fine*.

Por esta altura, abril de 1305, a Santa Sé tinha ficado de novo vaga, desde o 7 de julho do ano anterior. Agora a execução dos projetos de Lúlio iria depender, sobretudo, do rei de Catalunha e Aragão, Jaime II, cada vez mais poderoso na cristandade.

Assim sendo, uma vez eleito Clemente V, primeiro papa de Avinhão, no dia 5 de junho, o paciente Lúlio parte para Barcelona e entusiasma seu rei com os projetos de uma nova cruzada em Andaluzia. Acompanha-o a Montpellier, onde ambos se encontram com o

novo papa, que ia a caminho de Lyon para ser coroado. Mais tarde, sobe também a Lyon para convencer o próprio papa. Lá começará sua *Ars generalis et ultima*, um dos resumos mais interessantes e completos daquela *Art abreujada d'atrobare veritat*, dos longínquos tempos de Randa.

Mais uma vez, o papa e seus cardeais não lhe prestam muita atenção e Lúlio, após uma terceira visita a Paris e uma estada de quase dois anos na sua terra natal, embarca para Bugia, na Argélia.

Perante o espanto de todos, Lúlio, desejoso de execrar as heresias, começa a gritar pelas ruas da cidade que a lei de Maomé é falsa e enganosa e que se dispõe a prová-lo. O grande mufti da cidade, autoridade religiosa e judiciária, o interpela e se estabelece entre os dois uma profunda discussão filosófico-teológica. Lúlio, usando a máxima *bonum est diffusivum sui* (é próprio da natureza do bem difundir-se), argumenta que não há contradição em pensar que Deus Pai, a bondade por excelência, gere da sua bondade o Filho igualmente bom e que de ambos proceda o Espírito Santo. Seu adversário, estupefato com tal argumentação - que, afinal, destruía a idéia averroísta da criação eterna do mundo -, não sabendo o que replicar, dá ordens para que se conduza imediatamente Lúlio à prisão, mas promulga um decreto proibindo atentar contra a sua vida, dado que a multidão muçulmana esperava-o fora, para linchá-lo.

Lúlio, permaneceu uns seis meses na cadeia, mas continua lutando, e o faz porque tem fé. Lá mesmo começa a escrever a *Disputatio Raymundi et Hamar Sarraceni*, que contém o eco de suas controvérsias religiosas. O rei Halid I, mandou expulsar Lúlio, que teve de embarcar à força num navio que se dirigia a Gênova. Como final dessa odisséia, o navio naufragou perto de Pisa, morrendo inclusive alguns passageiros. Lúlio salvou-se, mas perderam-se todos seus pertences, inclusive a biblioteca. Parece que, muito prudentemente, possuía mais de um exemplar de suas obras, ou que, ao menos, não as carregava todas nas suas agitadas viagens. Certamente teria seu acervo distribuído por Montpellier, Maiorca e talvez também Gênova, locais onde trabalhava e divulgava as cópias de seus escritos.

Chegado a Pisa, reescreve a obra começada e perdida no naufrágio e termina também a *Ars generalis et ultima*, que começara em Lyon.

A cidade de Pisa interessa-se muito por estes planos de cruzada e o seu Conselho escreve ao papa Clemente V. Gênova também oferece-lhe uma ajuda de vinte e cinco mil florins pela causa da Terra Santa. O rei Jaime II, em Montpellier, fará o mesmo. Lúlio, bem disposto por esses apoios de última hora, dirige ao papa seu novo livro *De acquisitione Terrae Sanctae*, onde expõe mais um ousado projeto: a conquista de Constantinopla, para acabar com o cisma grego.

Uma vez mais, tudo malogrou. Lúlio, todavia, não se furtando à sua obrigação, parte decidido para Paris onde, apesar de sua idade avançada, sua atividade aumentará cada vez mais. Retoma a luta contra os averroístas e suas súplicas aos grandes em favor da Terra Santa. Ao todo escreverá umas trinta obras breves, entre as quais destaca-se o *Liber de natali parvuli pueri Iesu*, com temas natalinos, e o *Liber lamentationis philosophiae*, onde, na presença do rei Felipe, o Belo, a Filosofia se lamenta de que os averroístas a tenham separado da Teologia.

De acordo com a tradição, foi no fim dessa temporada de Paris (5) que Lúlio obteve uma declaração de quarenta mestres e bachalerandos em Artes e Medicina atestando que o método lógico de sua *Ars brevis* não continha nada contrário à fé católica. As aulas dadas em Paris, portanto, não foram infrutuosas, embora seus numerosos escritos anti-averroístas não tenham conseguido obter a condenação oficial dos erros dessa filosofia.

Por essa época anunciava-se já o início do Concílio de Vienne (out.1311 - maio 1312). Mais uma vez cheio de esperança, para lá se dirige e, pelo caminho, escreve seu poema *Lo consili*, com mil e duzentos versos, e sua *Disputatio clerici et Raymundi phantastici* na qual resume assim a sua vida: "Trabalhei durante quarenta e cinco anos incitando os governantes da Igreja e os príncipes cristãos ao bem público. Agora sou velho, sou pobre; mas perseverei no mesmo propósito, e com a graça de Deus, nele me mantereirei até a morte".

O concílio, pelo menos, atende desta vez alguns dos seus pedidos. Decreta que os cavaleiros sanjoanistas promovam a cruzada e erige as cátedras de árabe, grego, hebraico e caldeu nas quatro grandes universidades de Paris, Oxford, Bolonha e Salamanca.

De volta do concílio, retira-se de novo a Maiorca, mas não precisamente para descansar. Encontra tempo para escrever diversos opúsculos, um manual de pregação, uma compilação de 150 sermões e três escritos apologéticos. A princípios de 1313, já com mais de oitenta anos, embarca para a Sicília e durante a viagem inicia a *De compediota contemplatione*, que terminará em Messina.

Na primavera de 1314, esse "varão de desejos" (6) retorna à sua ilha e de lá embarca na nau que o levará outra vez às costas da Barbária. Acompanham-no ao cais os grandes da cidade, uma multidão de amigos e dois franciscanos. Volta às mesmas terras onde, oito anos antes, foi maltratado e encarcerado. Mas Lúlio não teme a morte; tem seus argumentos e, sobretudo, o amor do seu Amado.

Em Tunis, redige o *Ars Consilii* e mais quinze opúsculos de controvérsia, e prega nas vias públicas. De lá dirigiu-se a Bugia onde a multidão alvoroçada o apedreja e o deixa meio morto, abandonado nas ruas. O exame médico de seus restos mortais feito em 5 de dezembro de 1611, com vistas ao processo de sua canonização, constatou o fato. Recolhido por uns genoveses que se dirigiam à Europa, Lúlio, todavia, morre em pleno Mediterrâneo, perto das costas de sua querida Maiorca, já nos inícios de 1316.

Quanto custa entender uma vida como a que acabamos de conhecer ! Os homens, acostumados a pensar tudo quanto passa pela sua mente e a deixar que o seu coração se impressione pelas circunstâncias variáveis da vida, tendem a complicar demais as coisas. Somos a própria instabilidade. Se não nos corrigimos, corremos o risco de transformar nossa vida numa contradição. As vidas dos grandes homens, ao contrário - como a de Lúlio - são simples: neles é como se existisse um único pensamento, sempre idêntico, querendo abranger todas as verdades; e uma única intenção, extraordinariamente pura, ordenando toda a vida para o Bem. Lúlio, ao longo dos anos, esforçou-se por purificar sua sabedoria a fim de que, limpa de todo erro ou ignorância, unificasse, num simples olhar, toda a verdade cognoscível. Ao mesmo tempo, seus inúmeros trabalhos, lutas e afãs, parecendo multidão, na realidade refletem apenas uma

só coisa: um amor puro e empenhado, Lúlio foi um homem simples que viveu de um único pensamento e de um único amor (7).

Esteve Jaulent

(1) É difícil precisar o ano em que ocorreu o nascimento de Lúlio. Existem duas hipóteses: 1232 ou 1235. No lugar onde a tradição situa a casa onde nasceu encontra-se uma placa indicando o ano de 1232. Cf. ALL pág.58 nota 2.

(2) Em 1311 Lúlio, quando lhe restavam ainda quatro ou cinco anos de vida e numerosas obras para compor, ditou aos cartuxos de Vauvert (na época nas proximidades de Paris, hoje palácio e parque de Luxemburgo), um documento excepcional. Trata-se da Vita Coetanea, uma autêntica autobiografia que nos revela, com grande riqueza psicológica, o caráter e o temperamento do filósofo de Maiorca.

Nesta narrativa de sua vida utilizaremos a segunda tradução da Vita Coetanea feita por Ramón Sugranyes de Franch sobre o novo texto dela editado por Hermogenes Horada, no volume VIII da Opera latina de R. Lúlio, publicada em Turnhout, em 1980, e apresentada no Colóquio sobre Raymundo Lúlio organizado pela Universidade de Friburgo em 1984, e o erudito trabalho de E. Longpré, Lulle Raymond (Le bienheureux), no Dictionnaire de théologie catholique, IX, Paris, 1926. col. 1072-1141.

(3) Llibre de contemplació, Cap. XXXVII n. 26. Cf. OE vol. II pág. 177.

(4) Blanquerna, Cap. 77 Cf. OE pág. 224.

(5) Até o momento ainda não apareceram documentos conclusivos que provem que Lúlio tivesse recebido o hábito de alguma ordem terceira. Louis Sala-Molins mostra que os franciscanos de Paris, onde Lúlio lecionou em 1311, não contavam o filósofo maiorquino como um deles, e nem o próprio Lúlio nessa época se considerava franciscano. O mais razoável, opina Sala-Molins, é acreditar que a iconografia posterior o "franciscanizou" à força. Cf. Louis Sala-Molins, Raymond Lulle, Aubier Montaigne, 1967, pág. 29, nota 28 e pág. 42, nota 60.

(6) Cf. Profecia de Daniel, 9,23.

(7) O papa Pio IX concedeu a Lúlio, em 1847, culto próprio e as honras de Bem-aventurado. Cf. Llorca, Garcia Villoslada, Montalbán, Historia de la Iglesia Católica, BAC, Madrid 1963, tomo II, pág. 817.

[Volta Home-Page](#)